



ESTADOS UNIDOS

Marido de Nancy Pelosi sofre atentado

Homem invade residência da presidente da Câmara dos Representantes e agride o esposo da congressista com um martelo, na frente dos policiais. Paul, 82 anos, foi submetido a cirurgia no cérebro. Especialista vê ato de violência política

» RODRIGO CRAVEIRO

Um homem identificado pela polícia como David DePape, 42 anos, invadiu a residência da presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, a democrata Nancy Pelosi, e usou um martelo para atacar o marido dela, Paul Pelosi, em São Francisco (Califórnia). “Onde está Nancy? Onde está Nancy?”, repetia o agressor, depois de entrar na mansão ao quebrar um vidro na lateral do imóvel. DePape tentou amarrar Paul, 82, até que a esposa chegasse em casa.

A polícia foi chamada às 2h27 de ontem (22h27 de quinta-feira, em Brasília) e presenciou o ataque. Segundo a emissora MSNBC, Paul foi submetido a uma cirurgia no cérebro. DePape está preso e responderá por tentativa de homicídio, agressão com arma letal, abuso de idoso e outros crimes. Até o fechamento desta edição, não havia detalhes sobre o estado de saúde de Paul.

Em nota, Drew Hammil, porta-voz de Nancy Pelosi, explicou que Paul foi “violentamente atacado” e que as autoridades investigam as motivações do ataque. Uma fonte informou à TV CNN que Nancy conseguiu falar com o marido pouco antes da cirurgia. Ela estava em Washington e embarcou ontem à tarde para

Justin Sullivan/Getty Images/AFP



Agentes do FBI diante da mansão da família Pelosi, em São Francisco, na Califórnia: ataque na madrugada

São Francisco, acompanhada de familiares. A mesma emissora divulgou que Paul Pelosi telefonou para a polícia no início da invasão à residência e manteve a linha aberta, permitindo ao atendente escutar o som do ambiente. O marido de Nancy usou códigos para emitir sinais de que havia algo errado.

A Casa Branca informou que “o presidente (Joe Biden) ora por Paul Pelosi e por toda a família da presidente Pelosi”. “Nesta manhã, ele telefonou para a presidente Pelosi para expressar seu apoio depois desse ataque horrível. Ele também está muito feliz pelo fato de uma completa recuperação ser esperada. O

presidente continua a condenar toda a violência, e pede que o desejo de privacidade da família seja respeitado”, diz o comunicado.

“Doug e eu estamos chocados pelo ataque. (...) Toda a família Pelosi está em nossos corações e desejamos a ele uma rápida recuperação”, reagiu a vice-presidente dos EUA, Kamala Harris. O

Angela Weiss/AFP



Paul e Nancy, ambos com 82 anos: casados desde 1963, têm cinco filhos

governador da Califórnia, Gavin Newsom, afirmou que “este ataque hediondo é mais um exemplo das consequências perigosas da retórica divisiva e odiosa que coloca vidas em risco e mina nossa própria democracia e nossas instituições democráticas”.

Alvo

Em entrevista ao **Correio**, Ruth Ben-Ghiat, professora de história da Universidade de Nova York, destacou que o criminoso buscava ferir Nancy e lembrou que a presidente da Câmara foi o principal alvo dos insurgentes durante a invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021.

“Ele queria provavelmente ferir ou matar Pelosi. Os republicanos retratam a oposição como inimigo mortal, aumentando a probabilidade de violência política. No ano passado, os ataques contra membros do Congresso aumentaram em 107%. Infelizmente, episódios assim continuarão.”

De acordo com o jornal *The Washington Post*, em 6 de janeiro de 2021, a multidão de simpatizantes do então presidente Donald Trump irrompeu o prédio do Congresso aos gritos de “Nancy, Nancy” e “Tudo o que queremos é Pelosi”. Os vândalos exigiram a interrupção do processo de confirmação da vitória de Joe Biden nas eleições de 2020.

Apelo a Biden por eleição no Brasil

Em carta divulgada ontem, cerca de 30 congressistas democratas norte-americanos pediram ao presidente Joe Biden que reconheça imediatamente os resultados da eleição no Brasil, por medo de que Jair Bolsonaro questione-os em caso de derrota. “Os Estados Unidos e a comunidade internacional devem estar preparados para reconhecer imediatamente os resultados anunciados pela autoridade eleitoral brasileira no

domingo (amanhã)”, defendem na carta, levada ao conhecimento da imprensa pelo senador Patrick Leahy.

Também ontem, Ned Price, porta-voz do Departamento de Estado, declarou que os EUA confiam que o segundo turno será conduzido “com o mesmo profissionalismo e o mesmo espírito pacífico e de dever cívico” que em 2 de outubro.

“Apesar do claro compromisso da sociedade brasileira com a

democracia, há fortes temores de que, se Bolsonaro perder, questionará os resultados do segundo turno, quando a diferença entre Bolsonaro e Lula pode ser muito mais apertada”, afirmaram os legisladores, na carta. “Se Bolsonaro rejeitar os resultados das eleições, devemos estar preparados para defender, inequivocamente, a democracia no Brasil.”

Eles insistem em que “é sumariamente importante que os EUA denunciem qualquer tentativa

de incitar a violência política e depois do dia da eleição”, porque a pedra angular das relações entre os dois países deve ser “um compromisso compartilhado com a democracia e os direitos humanos”.

Trump

O ex-presidente Donald Trump convocou, mais uma vez, o voto em Bolsonaro e classificou o seu adversário Luiz Inácio Lula da

Sarah Silbiger/AFP



O senador Patrick Leahy divulgou a carta dos 31 legisladores ao líder democrata

no presidente Jair Bolsonaro — ele nunca vai te decepcionar!”, diz ele sobre o presidente, que descreve como “um grande e respeitado líder, que também é um grande cara com um grande coração”.

“Seu oponente, ‘Lulu’, é um lunático da esquerda radical que destruirá rapidamente seu país e todo tremendo progresso que foi feito sob o presidente Bolsonaro, incluindo tornar o Brasil um país respeitado novamente”, acrescentou Trump.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O ano que vem começa amanhã

Do lado de cá, são mais de 200 milhões na expectativa pelo que as urnas dirão no segundo turno da eleição presidencial. Para além das fronteiras, é em gabinetes de governo, em particular os ligados às relações exteriores, que estarão os responsáveis por traçar políticas para a interação com um país que, depois de começar o século com presença constante no cenário global, hoje se coloca retraído.

Seja qual for o resultado anunciado na noite de amanhã, será o pontapé inicial para o planejamento das linhas de trabalho com a diplomacia brasileira. Nos

dois meses até a posse no Planalto, os parceiros externos estarão atentos para todo e qualquer sinal capaz de indicar os rumos que Itamaraty tomará a partir de 1º de janeiro. Para eles, o ano que vem começa amanhã, independentemente da maior ou menor simpatia pelo vencedor.

Passo de bolero

Ao longo da campanha presidencial, com maior ou menor discricção, líderes políticos e mesmo chefes de governo de diferentes países declararam ou deixaram entrever preferências.

Na vizinhança sul-americana, é notório que a balança pende para Lula, acompanhando a inclinação manifestada nas eleições recentes. Na Argentina, o peronista Alberto Fernández é desafeto do colega Jair Bolsonaro — um dos últimos a cumprimentá-lo pela posse. Na Colômbia, o primeiro presidente eleito pela esquerda, Gustavo Petro, conta os dias para apertar a mão de mais um companheiro.

A Casa Branca e o Departamento de Estado evitaram comentar a eleição, mas Joe Biden foi ostensivo nas reticências com Bolsonaro, que não apenas apoiou Donald Trump na eleição de 2020, mas fez eco a suas denúncias de fraude após a derrota. A embaixada americana em Brasília, em iniciativa mais do que inusual, chegou a publicar nota reiterando a confiança no nosso sistema eleitoral — isso, depois

de o presidente ter reunido embaixadores para, uma vez mais, questionar as urnas eletrônicas.

Lula colecionou, como candidato, gestos de apoio na União Europeia a grande interrogação é quanto ao rumo que o país tomará na questão crucial das mudanças climáticas e do meio ambiente. Não por acaso, é esse um dos temas que dominaram a cobertura da mídia sobre a eleição de amanhã — e o interesse se intensifica visivelmente nos últimos dias.

Entre os fatores de maior peso, se destaca o futuro do acordo comercial recém-firmado entre a UE e o Mercosul. A confiança na disposição do Brasil para conter o desmatamento na Amazônia pode ser definitiva para a ratificação do tratado pelos parlamentos nacionais dos países-membros. Sem esse passo, nada sai do papel.

É o meio ambiente

Algo à parte das orientações à direita ou à esquerda, na União Europeia a grande interrogação é quanto ao rumo que o país tomará na questão crucial das mudanças climáticas e do meio ambiente. Não por acaso, é esse um dos temas que dominaram a cobertura da mídia sobre a eleição de amanhã — e o interesse se intensifica visivelmente nos últimos dias.

Entre os fatores de maior peso, se destaca o futuro do acordo comercial recém-firmado entre a UE e o Mercosul. A confiança na disposição do Brasil para conter o desmatamento na Amazônia pode ser definitiva para a ratificação do tratado pelos parlamentos nacionais dos países-membros. Sem esse passo, nada sai do papel.

Trump na expectativa

Nos EUA, além de Joe Biden, também o ex-presidente Donald Trump tem olhos voltados para cá — e não apenas pela identificação com Bolsonaro. Daqui a pouco mais de um mês, os eleitores americanos votarão para renovar a Câmara dos Deputados e parte do Senado. Em minoria nos últimos dois anos, a oposição republicana aposta na impopularidade do presidente para recuperar o comando de ambas as casas do Congresso.

Trump, que tem nos cassinos uma das origens de sua fortuna, aposta as fichas na eleição de meio-mandato para minar um pouco mais o oponente e desafiá-lo na disputa presidencial de 2024. Não mediu esforços — nem dinheiro — nas primárias do Partido Republicano e emplacou um forte contingente de correligionários para enfrentar os adversários democratas em 8 de novembro.